

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Presidente  
BERNARD DA COSTA CAMPOS — Diretor

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Executivo  
MAURO GUIMARÃES — Diretor  
FERNANDO PEDREIRA — Redator Chefe  
MARCOS SÁ CORRÉA — Editor  
FLÁVIO PINHEIRO — Editor Assistente

## Reencontro do Mercado

*com Brasil*  
O plano cruzado obrigou o país a várias reciclagens e mudanças de postura que não podem ser esquecidas quando chega a hora dos reajustes mais dolorosos. É preciso lembrar que este país tem sérios problemas de desequilíbrio na distribuição da renda, que uma taxa de inflação de 15% ao mês agravava em escala galopante os problemas dos mais pobres, que o estado tornou-se pesado e ineficiente e que os constrangimentos externos das taxas de juros levam para o exterior uma fatia importante da poupança disponível.

O choque do cruzado reverteu expectativas, mas protelou soluções de profundidade, sem dúvida nenhuma, para atender aos interesses fisiológicos do PMDB e de seus candidatos. Passadas as eleições e empenhado que se encontra o governo em promover as correções de rumo, é simplesmente inadmissível que o jogo do poder continue a ser feito com governadores posando como candidatos, e tentando transferir para a presidência todo o peso da coroa de espinhos — que é o resgate da economia.

O pacote de medidas divulgadas nos últimos dias, deve-se reconhecer, caminha na direção certa. É essencialmente correto enquanto procura restaurar o realismo nas taxas de câmbio, enquanto começa a promover uma reforma administrativa em profundidade, enquanto tenta inibir o consumo por via dos preços e estimula a poupança para investimento em ações.

Estes, como outros atos que envolvem a política econômica, não existem porém num vácuo. São atos que vão cobrar sacrifícios, pois limitam o consumo da classe média e encarecem custos para toda a sociedade, aí incluídos os mais pobres, ainda quando em menor escala. Se, portanto, os governadores recém-eleitos nos principais estados recuarem uma trégua ao Governo, apelando para a demagogia, será difícil continuar na tarefa de reconstrução nacional.

Não podemos nos esquecer de que o Brasil que herdamos é um país com problemas, porém é também uma nação que chegou a um elevado grau de sofisticação industrial e na sua estrutura de

serviços ou agrícola. Temos que empreender reformas que cuidadosamente balanceiem os aspectos de mercado de uma economia dinâmica, com os desequilíbrios e desajustes internos. Não será fácil balancear essa equação. Os erros que já foram cometidos, se agravados, podem nos levar a impasses em áreas vitais e delicadas como a cambial ou no comércio exterior. É preciso que todos pesem as suas responsabilidades neste momento, parando de propor o impossível e retornando ao princípio elementar de que a política é arte do possível.

Ao atacar a questão da reforma administrativa abrindo a questão do BNH, o Governo está na direção certa. Esta é uma burocracia articulada e capaz de colocar à mostra o grau de resistência que o Governo enfrentará para cortar os gastos excessivos do setor público. Os amigos da imperfeição que se entrinham profundamente nas estatais e nos segmentos de mais baixa produtividade da nossa economia procurarão aliados na demagogia disponível.

É preciso que os pretendentes aos votos de funcionários públicos lembrem-se de que o setor privado é capaz de reabsorver a mão-de-obra com muito mais dinamismo. A força de um braço ocupado na economia particular é mais positiva do que o mesmo braço dedicado a setores estatais de baixa eficiência. Defender o empreguismo público não reconduzirá o Brasil ao caminho do investimento e do desenvolvimento que passam, necessariamente, por um reencontro com a economia de mercado.

O mundo exterior olha para a experiência brasileira com atenção. Os reajustes do cruzado podem reabrir os caminhos para um entendimento deste país, descomplexado e em alto nível, com o Fundo Monetário e as instituições multilaterais de crédito. É preciso reagir à filosofia de terra arrasada que quer nos levar à moratória. O Brasil não pode mais desejar ser apenas o primeiro dos subdesenvolvidos. Já estamos no caminho da construção de uma nação industrializada, o que envolve sacrifícios internos e realinhamentos externos, ainda que dolorosos.